

Coordenação comitativa em Português Europeu*

Madalena Colaço

Faculdade de Letras de Lisboa

1. Introdução

Em diversas línguas, um DP singular pode combinar-se com uma expressão comitativa para formar um constituinte que tem sido descrito como um DP complexo sintactica e semanticamente plural. O facto de conduzir à formação de DPs plurais tem levado alguns autores a sugerir que a construção comitativa em causa partilha as propriedades gerais da coordenação, sendo-lhe atribuída a designação de *coordenação comitativa*.

A partilha de propriedades entre o constituinte comitativo e um constituinte coordenado verifica-se, no entanto, em diferentes graus consoante as línguas. Assim, num extremo, o Japonês ilustra um grupo de línguas em que o conector coordenativo com valor copulativo escolhido para a coordenação de DPs é o marcador comitativo. Numa frase como (1), o marcador *to* recebe uma interpretação comitativa (que se revela na descrição de um evento único), enquanto em (2) lhe é atribuído um valor conjuntivo (dando origem a uma interpretação de eventos múltiplos):

(1) Mary-ga John-to gakkoo-ni itta. (Kasai & Takahashi, s.d.)

M.-Nom J.-com escola-para ir.
'A M. vai para a escola com o J.'

(2) John-to Mary-ga gakkoo-ni itta.

J.-com M.-Nom escola-para ir.
'O J. e a M. vão para a escola.'

Em línguas eslavas como o Russo, o Polaco e o Checo, por exemplo – ilustradas, respectivamente, em (3)-(5) –, existe um conector coordenativo copulativo; no entanto, a chamada coordenação comitativa é muito semelhante (embora mais restrita), em termos chamados de coordenação copulativa, dela diferindo sobretudo em termos semântico-distribucionais, à coordenação copulativa, dela diferindo sobretudo em termos semânticos, uma vez que – pelo menos na opinião de alguns autores – está sujeita a um requisito de *togetherness* que não se verifica quando ocorre o conector copulativo:

*Agradeço a Inês Duarte e Gabriela Matos as críticas e as sugestões durante a realização deste estudo. O meu reconhecimento também a Anabela Gonçalves, cujos comentários foram muitas vezes decisivos.

- (3) Ivan s Petej ushli domoj. (Vassilieva & Larson, 2001)
 I.-Nom com P.-Instr ir-Pl casa
 'O I. e o P. foram para casa.'
- (4) Ewa z Jankiem poszli na spacer. (Dyla, 1988)
 E.-Nom.Fem com J.-Instr.Masc ir-PlMasc para passeio
 'A E. e o J. foram passear.'
- (5) Já s Marií jsme šli do kina. (Skrabalova, 2002)
 eu com M.-Instr Aux-Pl ido-PlMasc a cinema
 'Eu e a M. fomos ao cinema.'

O Espanhol, por sua vez, é representativo de um grupo de línguas em que a coordenação comitativa, embora disponível, é descrita como uma construção mais fortemente restrita, tanto do ponto de vista estrutural como do ponto de vista semântico:

- (6) Un hombre con una mujer fueron al cine. (Camacho, 2000)
 um homem com uma mulher ir-Pl ao cinema
 'Um homem e uma mulher foram ao cinema.'

Finalmente, em línguas como o Francês, o conector comitativo apenas manifesta um comportamento conjuncional em contextos muito restritos, estando a ocorrência da coordenação comitativa muito dependente das propriedades sintáticas e semânticas do verbo, como está ilustrado no contraste entre (7) e (8)-(9)¹. Note-se, no entanto, que a aceitação destes dados não é comum a todos os falantes, sendo frases como (8) consideradas muitas vezes como marginais.

- (7) *Jean avec Marie sont allés au cinéma.
 J. com M. aux ir-Pl ao cinema
 'O João e a Maria foram ao cinema.'
- (8) La pomme avec la cerise se mélangent dans le gâteau.
 a maçã com a cereja se misturar-Pl em o bolo
 'A maçã e a cereja misturam-se no bolo.'
- (9) "le murmure des sources avec le hennisement des licornes se mêlent à leurs voix"
 (Flaubert, referido em (Grevisse, 1993))

As frases apresentadas em (10)-(12) mostram que o PE dispõe desta construção:

- (10) Um com um são dois.
 (11) O ouro com a prata combinam-se facilmente.
 (12) O Pedro com a Maria fazem um par encantador.

As opiniões dos falantes variam, no entanto, relativamente à aceitação destes dados. Se para alguns frases como (10)-(12) são consideradas gramaticais, para outros elas envolvem um certo grau de estranheza, sendo que a construção ilustrada em (12) é mais dificilmente aceite do que as anteriores. Existem, inclusivamente, alguns falantes que apresentam

¹ Devo a Maria Antónia Mota e a Guilhermina Jorge a compreensão do funcionamento do Francês relativamente ao fenómeno em estudo. A ambas agradeço os dados e a disponibilidade mostrada.

reservas relativamente à gramaticalidade de qualquer ocorrência de coordenação comitativa em PE. Esta oscilação no que diz respeito aos juízos de gramaticalidade será naturalmente tida em conta no tratamento que proporemos para a construção em causa.

Constatamos, de qualquer modo, que os contextos que legitimam a ocorrência do conector comitativo com um comportamento pro-conjuncional são, nesta língua, bastante restritos. Veja-se, por exemplo, a agramaticalidade de (13)-(14):

(13) *O Pedro com a Maria foram ao teatro.

(14) *O Pedro com a Maria casaram.

O objectivo deste trabalho é, assim, antes de mais, a observação dos dados do PE, numa tentativa de descrever os contextos em que o comportamento do conector comitativo se afigura comparável ao da conjunção copulativa no que diz respeito aos seus efeitos em termos de interpretação semântica. Em seguida, discutiremos a ideia já referida de que tais semelhanças poderão ser encaradas como o reflexo de um paralelismo, ou mesmo uma identidade, relativamente à estrutura presente nas duas construções em causa.

2. Análises propostas com base em dados de outras línguas

2.1. Comitativos coordenados *versus* comitativos adjuntos

Nas línguas que dispõem de coordenação comitativa, esta construção tem sido caracterizada com base num conjunto de propriedades que a aproximam da coordenação copulativa. Estas propriedades podem, ao mesmo tempo, ser utilizadas para estabelecer a necessária distinção entre os constituintes designados por comitativos coordenados e aqueles que correspondem a adjuntos. As propriedades mais frequentemente referidas na literatura que caracterizando os comitativos coordenados são as seguintes (veja-se (McNally, 1993), (Vassilieva & Larson, 2001), (Skrabalova, 2002), etc.): i. Pluralidade da forma verbal; ii. Adjacência entre o constituinte comitativo coordenado e o DP com o qual está relacionado; iii. Co-ocorrência com qualquer verbo (contrastando com o constituinte comitativo adjunto, que, devido ao seu valor semântico, apenas ocorre em frases cujo predicado descreve uma acção passível de acompanhamento); iv. Impossibilidade de extracção *wh* (que poderá resultar da condição geral sobre a extracção em estruturas de coordenação – a Condição da Estrutura Coordenada proposta por (Ross, 1967)); v. Ligação de anáforas plurais; vi. Controlo do sujeito de orações participiais.

2.2. Coordenação comitativa *versus* coordenação copulativa

Como foi notado por diversos autores – por exemplo, (McNally, 1993), (Vassilieva & Larson, 2001), (Feldman, 2001), etc. –, mesmo nas línguas em que a construção comitativa coordenada é menos restrita, alguns aspectos a diferenciam da coordenação copulativa. Destacamos os seguintes: i. A coordenação comitativa, normalmente, não é iterativa, não podendo, por isso, ser reiterada; ii. A coordenação comitativa está limitada categorialmente a DPs; iii. A presença de um elemento comitativo com um comportamento pro-conjuncional

implica, em várias línguas, uma interpretação grupal do constituinte dentro do qual ele ocorre, pressupondo uma participação conjunta de duas entidades no estado de coisas descrito na proposição. A existência deste requisito semântico verifica-se, como é natural, mais fortemente nas línguas em que a construção em causa é mais restrita, podendo, no entanto, não se verificar nas línguas que a aceitam mais livremente.

2.3. Propostas quanto à estrutura da coordenação comitativa

O comportamento dúbio que a chamada coordenação comitativa exhibe em grande parte das línguas tem conduzido à tomada de diferentes posições por parte dos autores que trabalham sobre estas construções. Assim, enquanto alguns autores, defendem a existência de uma proximidade (cf. (Vassilieva & Larson, 2001)) ou mesmo identidade (cf. (Camacho, 1996), (Skrabalova, 2002)) estrutural entre a coordenação comitativa e a coordenação copulativa, daí derivando as semelhanças que se verificam entre elas (o que, naturalmente, pressupõe a adição de estipulações para justificar as diferenças), outros autores (cf. (McNally, 1993)) assumem que a coordenação comitativa é estruturalmente distinta da coordenação standard. Note-se que, contrariamente ao que poderia ser esperado, os trabalhos em que estas duas construções são consideradas estruturalmente idênticas não se baseiam, forçosamente, nas línguas em que a coordenação comitativa é mais livre. Assim, por exemplo, (Camacho, 1996), partindo dos dados do Espanhol, inclui o conector comitativo que entra nestas construções no elenco das conjunções coordenativas. Numa análise que parte da ideia de que o elemento comitativo tem sempre um estatuto preposicional, (Rigau, 1989) e (Rigau, 1990) – baseando-se em dados de algumas línguas românicas, com destaque para o Catalão – sugere que essa preposição, enquanto núcleo de um PP não argumental, modifica o valor semântico do predicado oracional, convertendo-o num predicado holístico, o que resulta de uma incorporação, em FL, da preposição no verbo, passando ambos a predicar conjuntamente.

3. Os dados do PE

Deixando, por agora, de lado aquilo que se passa noutras línguas, pretendemos em seguida descrever os dados do PE relativamente aos contextos que legitimam a ocorrência do conector comitativo com um comportamento conjuncional. Relembremos que, se por um lado, as frases de (10)-(12) nos permitiram, à partida, afirmar que a nossa língua dispõe da construção em causa, por outro lado, a agramaticalidade de (13) e (14) mostrou-nos que a distribuição deste conector não é idêntica à da conjunção copulativa.

3.1. Valor comitativo *versus* valor aditivo do conector *com*

O primeiro aspecto que consideramos necessário destacar ao estudar as construções em que ocorrem constituintes comitativos em PE relaciona-se com o valor semântico associado ao conector comitativo. O contraste que apresentamos em (15)-(18) permite-nos constatar que a este conector nem sempre está associado um valor semântico verdadeira-

mente comitativo, podendo a sua ocorrência manifestar, como parece acontecer em (17) e (18), um valor aditivo paralelo ao da conjunção copulativa, que resulta na interpretação do DP que ocorre à direita do conector como um Tema:

- (15) a. O Pedro foi ao teatro com a Maria.
b. O Pedro foi ao teatro acompanhado pela Maria.
- (16) a. O Pedro surpreendeu o João com a Maria.
b. O Pedro surpreendeu o João acompanhado pela Maria.
- (17) a. O Pedro conversou com a Maria.
b. *O Pedro conversou acompanhado pela Maria.
- (18) a. O ourives combinou o ouro com a prata.
b. *O ourives combinou o ouro acompanhado pela prata.

A observação das construções presentes nestes dados permite-nos relacionar o diferente valor semântico do elemento normalmente designado por comitativo com aspectos de natureza estrutural. Assim, estabelecemos a seguinte generalização: o uso puramente comitativo do *com* manifesta-se nos contextos em que este conector ocorre no interior de um constituinte adjunto, o que se verifica em (15) e (16). O conector *com* recebe uma interpretação aditiva quando ocorre no interior de um complemento, correspondendo-lhe uma posição interna a VP, como acontece em (17) e (18).

Por outras palavras, o mesmo é dizer que o valor semântico comitativo, exprimindo a já referida noção de acompanhamento, está – como aliás é natural – associado a constituintes adjuntos e não a constituintes argumentais. O facto de o valor semântico deste conector diferir do valor aditivo da conjunção copulativa poderá explicar a diferença de comportamento dos conectores ilustrada em (19):

- (19) a. O Pedro e a Maria foram ao teatro.
b. *O Pedro com a Maria foram ao teatro.

3.2. Avaliação do comportamento conjuncional do conector *com* com valor aditivo

Embora o que dissemos atrás nos permita sugerir que apenas o valor aditivo viabiliza o uso conjuncional do conector comitativo, interessa-nos agora, por um lado, comprovar a veracidade desta afirmação, e, por outro lado, determinar se este comportamento conjuncional do *com* se evidencia sempre que o conector tem o valor aditivo.

Se o conector *com* assumir um comportamento conjuncional, permitirá a formação de um DP complexo. Sendo a coordenação copulativa um processo sintáctico que conduz à formação de DPs plurais, este DP será sintacticamente plural. Em posição de sujeito, a sua pluralidade desencadeará a pluralidade da forma verbal.

Os dados que apresentamos em (20) e (21) mostram que, quando o conector é utilizado com um valor comitativo, a sequência *DPcomDP* não forma um constituinte plural:

- (20) a. *O Pedro com a Maria foram ao teatro.
b. O Pedro, com a Maria, foi ao teatro.
- (21) a. *O João com a Maria foram surpreendidos pelo Pedro.
b. O João, com a Maria, foi surpreendido pelo Pedro.

Por sua vez, o contraste entre (22) e (23) mostra-nos que a presença do valor aditivo do conector não é suficiente para que a sequência $DP_{com}DP$ forme um constituinte plural:

- (22) a. *O Pedro com a Maria conversaram.
 b. O Pedro, com a Maria, conversou.
 (23) a. O ouro com a prata combinam-se facilmente.
 b. O ouro, com a prata, combina-se facilmente.

Constatamos, então, que: i. O conector comitativo só manifesta um comportamento conjuncional quando o seu valor é aditivo; ii. Não basta a interpretação aditiva do elemento comitativo para legitimar a ocorrência de um DP com uma estrutura de coordenação comitativa.

A primeira destas constatações conduz-nos à conclusão de que o PE não dispõe verdadeiramente de uma construção de coordenação comitativa. Dispõe, antes, de uma construção à partida semelhante à da coordenação, em que o conector coordenativo corresponde ao conector habitualmente comitativo, usado com um valor aditivo. Neste sentido, a utilização do termo *coordenação comitativa* para designar as construções em estudo passará a ser, de agora em diante, por nós mantida apenas por uma questão de comodidade.

O comportamento conjuncional do *com* decorre de uma necessária adjacência entre o constituinte que por ele é iniciado e o DP com o qual está relacionado, sendo este um dos aspectos que aproximam a coordenação comitativa da coordenação standard. Este facto é evidenciado pela agramaticalidade de (24):

- (24) *O ouro combinam-se facilmente com a prata.

Do que foi dito decorre a consideração de que frases como as ilustradas em (25) e (26) se distinguem estruturalmente entre si pelo facto de apenas na primeira a sequência $DP_{com}DP$ formar um constituinte:

- (25) O ouro com a prata combinam-se facilmente.
 (26) O ouro, com a prata, combina-se facilmente.

Para além da evidência trazida pela pluralidade da forma verbal, outros argumentos corroboram esta ideia. Assim, vejamos:

i. Apenas em (25) não é possível a extracção wh de nenhum dos constituintes envolvidos. Veja-se (27), que contrasta com (28):

- (27) a. *O que é que com a prata se combinam facilmente?
 b. *Com o que é que o ouro se combinam facilmente?
 (28) a. O que é que se combina facilmente com a prata?
 b. Com o que é que o ouro se combina facilmente?

ii. Apenas em (25) não é possível a clivagem de um dos constituintes envolvidos, como se vê no contraste entre (29) e (30):

- (29) a. *O ouro é que com a prata se combinam facilmente.
 b. *Com a prata é que o ouro se combinam facilmente.
 (30) a. O ouro é que se combina facilmente com a prata.
 b. Com a prata é que o ouro se combina facilmente.

iii. Apenas a estrutura presente em (25) permite que a sequência *DP_{com}DP* sirva de antecedente plural a uma relativa restritiva, como está ilustrado em (31) e (32):

- (31) O ouro com a prata que já estavam fundidos combinaram-se facilmente.
 (32) *O ouro combinou-se facilmente com a prata que já estavam fundidos.

Este conjunto de evidências permite-nos, pois, manter a ideia de que (25) e (26) se diferenciam pelo facto de apenas na primeira frase a sequência *DP_{com}DP* se comportar como um constituinte.

Se a participação de ambos os DPs envolvidos na coordenação comitativa na definição dos traços de concordância de um DP complexo é evidenciada pela pluralidade do verbo quando ele ocupa a posição de sujeito, o mesmo não acontece quando o constituinte surge em posição de complemento. Numa frase como (33), em que se verifica uma relação de adjacência entre os elementos em questão, não dispomos, pois, desta forma de comprovar a sua pluralidade:

- (33) O ourives combinou o ouro com a prata.

Por um lado, existem algumas evidências para considerar que, em (33), a sequência pós-verbal pode não se organizar num constituinte único. Com efeito:

i. É possível realizar a extracção wh de partes dessa sequência, como está ilustrado em (34):

- (34) a. O que é que o ourives combinou com a prata?
 b. Com o que é que o ourives combinou o ouro?

ii. É possível a cliticização em Acusativo de parte dessa sequência. Veja-se (35):

- (35) O ourives combinou-o com a prata.

No entanto, se a partir daqui somos levados a pensar que em (33) a sequência pós-verbal se estrutura em dois constituintes independentes, por outro lado a mesma sequência parece poder organizar-se num constituinte único. Vejamos:

i. É possível cliticizá-la no seu conjunto, mediante a utilização de um clítico Acusativo na forma plural, como acontece em (36):

- (36) O ourives combinou-os.

ii. É possível que toda a sequência constitua um antecedente plural de uma relativa restritiva, tal como está ilustrado em (37):

- (37) O ourives combinou uma porção de ouro com uma porção de prata que já estavam fundidos.

Sugerimos, pois, que, em (33), a sequência *DP_{com}DP* em posição de complemento seja encarada como estruturalmente ambígua: numa das estruturas possíveis, [o ouro] e [com a prata] são dois constituintes independentes; numa estrutura alternativa [o ouro com a prata] forma um constituinte único, evidenciando a sua pluralidade o comportamento conjuncional do conector comitativo.

3.3. Restrições contextuais à coordenação comitativa

Numa tentativa de descrição dos contextos em que, assumindo um valor aditivo, o conector *com* manifesta um comportamento conjuncional, começamos por retomar, em (38), a frase que temos utilizado para ilustrar as afirmações que fizemos até ao momento:

(38) O ouro com a prata combinam-se facilmente.

Trata-se de uma frase em que ocorre um verbo simétrico – o verbo *combinar* – que, à semelhança dos restantes verbos do mesmo tipo, implica a referência a uma entidade plural. Assumindo a análise clássica das construções com estes verbos (cf. (Fonseca 1993)), essa pluralidade pode resultar da relação estabelecida entre entidades denotadas por dois constituintes sintacticamente independentes, como acontece em (39.a). Pode, no entanto, também decorrer da presença de apenas um constituinte. Neste caso, ou esse constituinte corresponde a um DP semanticamente plural, como está ilustrado em (39.b), ou então corresponde a um DP coordenado como o que ocorre em (39.c):

- (39) a. O ouro combina-se facilmente com a prata.
 b. Os metais combinam-se facilmente.
 c. O ouro e a prata combinam-se facilmente.

Note-se ainda que os constituintes que, com este verbo, mantêm uma relação de simetria correspondem ambos – seguindo aquilo que dissemos anteriormente – a argumentos internos, ocupando por isso ambos uma posição interna a VP. Com efeito, sendo o verbo *combinar* um verbo de alternância causativa, e tendo em conta que as frases de (38) e (39) ilustram a construção não causativa em que o verbo ocorre na sua variante inacusativa, o constituinte que ocorre na posição de sujeito é, na realidade, gerado como objecto.

A natureza da relação entre o verbo e os argumentos envolvidos na relação de simetria parece-nos um aspecto crucial na definição das condições que legitimam a ocorrência de coordenação comitativa, uma vez que justifica a exclusão dos restantes verbos deste tipo em que a relação de simetria envolve o argumento externo. Veja-se o contraste que se estabelece entre (38) e (40)-(41):

- (40) *O Pedro com a Maria conversaram.
 (41) *O Pedro com a Maria casaram.

Existem, no entanto, verbos simétricos de alternância causativa em que a simetria se estabelece entre dois argumentos internos mas que não admitem a ocorrência de coordenação comitativa. É o caso do verbo *confundir*, como está ilustrado em (42):

- (42) a. A Maria confunde o João com o Paulo.
 b. O João confunde-se com o Paulo.
 c. *O João com o Paulo confundem-se.

Sugerimos que o aspecto relevante que distingue verbos como *combinar* de verbos como *confundir* seja o facto de os primeiros, contrariamente aos segundos, implicarem a referência implícita a uma entidade resultante da relação de adição das entidades denotadas pelos núcleos dos constituintes nominais presentes. Assim, o verbo *combinar*

corresponde a um predicado que implica uma mudança, sendo que a combinação de x com y dá origem à criação de uma entidade w previamente inexistente, correspondendo assim a um *effectum*.

Embora o comportamento conjuncional do conector *com* seja, em PE, bastante limitado, existem, no entanto, outros contextos em que ele se pode manifestar. Vejam-se as frases (43)-(45), em que este conector tem um valor aditivo e conduz à formação de pluralidade:

- (43) Um copo de vinho com um litro de gasosa fazem um refresco agradável.
- (44) O Pedro com a Maria formam um par encantador.
- (45) O ouro com a prata dão uma liga valiosa.

Um primeiro aspecto que permite relacionar as frases (43)-(45) com aquela em que ocorre o verbo *combinar* reside na observação de que também nestas ocorre um predicado cujo significado implica uma mudança – *fazer, formar, dar* (no sentido de originar) –, juntamente com a expressão, desta vez explícita, de um *effectum*: os núcleos nominais *refresco, par e liga*, respectivamente, denotam entidades resultantes da adição de duas outras já existentes, sendo estas, por sua vez, denotadas pelos núcleos das expressões nominais relacionadas pelo conector *com*. Para além disso, note-se que também em (43)-(45) se estabelece uma relação de simetria entre os constituintes unidos pelo conector *com*.

Finalmente, para além dos contextos já descritos, a ocorrência da partícula *com* com comportamento conjuncional torna-se ainda possível na expressão da relação matemática de adição, como foi já ilustrado em (10), que aqui repetimos em (46):

- (46) Um com um são dois.

Tomando-se, neste caso, óbvio o valor aditivo associado ao conector comitativo, é de notar que nesta frase o verbo copulativo pode receber uma interpretação não estativa. Veja-se que (46) é parafraseável por (47) ou (48), em que a utilização de verbos como *dar* (no sentido de originar) ou *fazer* corroboram a ideia de que o verbo *ser* permite, de certa forma, neste contexto, uma interpretação de mudança:

- (47) Um com um dá dois.
- (48) Um com um faz dois.

Note-se que a singularidade da forma verbal nestes casos não é atribuível à ocorrência do *com*. Com efeito, a presença da conjunção copulativa não altera a concordância, como está ilustrado em (49) e (50):

- (49) Um e um dá/*dão dois.
- (50) Um e um faz/*fazem dois.

Assim, *dois* pode ser encarado como o resultado da adição expressa através do conector comitativo. Naturalmente, neste caso é também clara a simetria que se estabelece entre os constituintes por ele relacionados.

Antes de finalizar, notemos apenas que o comportamento conjuncional do conector comitativo evidencia um afastamento relativamente às propriedades que lhe estão asso-

ciadas no seu uso preposicional, nomeadamente as propriedades casuais. O contraste entre (51) e (52) mostra-nos que, no seu uso conjuncional, o DP complemento de *com* não manifesta o caso Oblíquo:

- (51) a. Eu formo um par genial contigo.
 b. Eu contigo formo um par genial.
 (52) *Eu contigo formamos um par genial.

Podemos, então, concluir que a coordenação comitativa é, em PE, legitimada de forma cumulativa pelos seguintes factores: i. O valor aditivo do conector comitativo; ii. A existência de adjacência entre os elementos que constituem a sequência *DPcomDP*; iii. A ocorrência de uma relação de simetria (ou reciprocidade) entre os constituintes relacionados pelo conector *com*; iv. A ocorrência de um predicado que predica globalmente sobre uma pluralidade e que implica uma mudança que resulta na criação de uma entidade previamente inexistente, sendo a presença desta explícita ou apenas implícita no próprio significado do predicado.

4. A estrutura da coordenação comitativa

Uma análise da coordenação comitativa coerente com os dados empíricos que descrevemos e com as afirmações que fizemos não deve deixar de ter em conta aspectos como: i. O facto de o comportamento conjuncional do conector comitativo se manifestar, em PE, em construções muito restritas nas quais estão presentes verbos com propriedades sintácticas e semânticas muito específicas; ii. O facto de o comportamento conjuncional do conector comitativo evidenciar um afastamento relativamente às propriedades tipicamente associadas a uma preposição; iii. O facto de o comportamento do conector coordenativo no seu uso conjuncional se afastar, ao mesmo tempo, relativamente a alguns aspectos, do da conjunção copulativa.

Ao mesmo tempo, o poder explicativo dessa análise apenas poderá ser atingido se através dela se der conta da oscilação de juízos de valor que os falantes apresentam quando confrontados com os dados que ilustram a construção em estudo. Essa oscilação vai desde a sua rejeição até à sua aceitação, passando pela aceitação apenas em alguns dos contextos descritos.

4.1. Uma hipótese de reanálise do conector comitativo com valor aditivo numa estrutura em que DP e *comDP* são adjacentes

Após a descrição a que procedemos, e tendo presente o carácter introdutório deste trabalho, sugerimos uma primeira hipótese de tratamento da coordenação comitativa. Nesta hipótese, partimos dos seguintes factos anteriormente mencionados: i. A ocorrência de coordenação comitativa está dependente das propriedades do verbo; ii. Os verbos que legitimam esta forma de coordenação são verbos que implicam a referência a uma entidade plural; iii. A pluralidade requerida por esses verbos pode ser obtida ou através da relação que se estabelece entre dois constituintes argumentos internos do verbo, ou através

da ocorrência de um único argumento plural; neste caso, essa pluralidade pode decorrer da presença de um DP simples plural ou pode ser o resultado de uma coordenação.

Estamos, pois, a assumir que os verbos simétricos como *combinar*, *misturar*, etc., que, como dissemos atrás, se caracterizam pelo facto de implicarem a referência a uma entidade plural, permitem uma construção em que ocorre apenas um objecto e, alternativamente, uma outra em que ocorrem dois objectos. Pensemos, por hipótese, que, nas construções com um verbo deste tipo, a presença de um objecto directo plural como o que ocorre em (53) permite, só por si, a saturação do verbo, uma vez que viabiliza a satisfação do requisito de pluralidade:

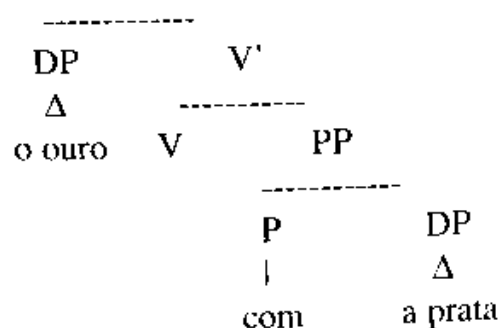
(53) O ourives combinou os metais.

Desta forma, o segundo argumento interno – ou seja, o PP iniciado por *com* – não chegaria a ser projectado na estrutura sintáctica ou seria projectado apenas opcionalmente, como vemos em (54):

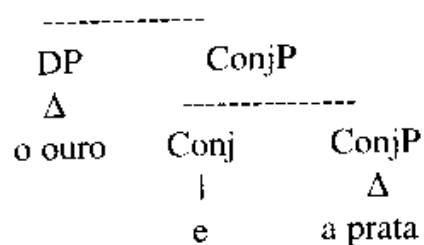
(54) O ourives combinou os metais (com uma porção de cobre).

No caso em que a singularidade do objecto directo obriga à projecção do constituinte preposicionado, estabelecendo-se entre os dois argumentos uma relação que viabiliza, de alguma forma – que aqui não especificamos –, a satisfação do requisito de pluralidade exigido pelo verbo, surge a possibilidade de o conector comitativo – basicamente, uma preposição – ser tomado, por parte de alguns falantes, como um conector coordenativo. Surge, assim, a construção que nos tem vindo a ocupar ao longo deste trabalho: a chamada coordenação comitativa. Sugerimos, então, que a interpretação do conector comitativo como um conector coordenativo resulte de um processo de reanálise categorial por parte de um grupo de falantes. Esta reanálise pode ser encarada como resultando, por um lado do valor aditivo associado ao conector coordenativo, e por outro lado de uma semelhança estrutural que aproxima o VP ditransitivo que ocorre nestas construções (cf. (Larson, 1988)) da projecção funcional que tem como núcleo uma conjunção coordenativa (cf. (Kayne, 1994), (Matos, 1995), *i.a.*). Esta proximidade é visível no confronto entre (55.a) e (55.b):

(55) a. VP



b. ConjP



A realização ou não de reanálise provoca, assim, a ambiguidade estrutural que vimos existir na construção causativa em que a sequência *DPcomDP* ocorre em posição pós-verbal, resultando da sua organização em um ou em dois constituintes.

O facto de alguns falantes terem reanalisado o conector comitativo como uma conjunção leva-os, então, a considerar que a sequência *DPcomDP* se organiza num só constituinte, sendo possível, a partir daqui, a sua deslocação, por exemplo, para a posição de sujeito, como acontece na construção não causativa que aqui repetimos uma vez mais em (56):

(56) O ouro com a prata combinam-se facilmente.

A ideia de que a coordenação comitativa resulta da reanálise do conector comitativo como uma conjunção permite derivar várias das especificidades que vimos existirem nas construções em estudo. Antes de mais, permite derivar as principais diferenças que a afastam da coordenação copulativa standard. Assim:

- i. A não iteratividade desta espécie de coordenação decorre naturalmente do facto de o constituinte que engloba o conector comitativo e o DP que se lhe segue corresponder, antes da reanálise, ao segundo argumento interno do verbo que, juntamente com o primeiro, satura o verbo no que diz respeito às suas propriedades sintácticas e semânticas.
- ii. O facto de a coordenação comitativa estar limitada categorialmente a DPs é igualmente explicável tendo em conta a estrutura a partir da qual se processa a reanálise.
- iii. Finalmente, a especificidade da interpretação semântica da coordenação comitativa pode ser atribuída ao valor tipicamente comitativo do conector *com* enquanto preposição. Embora nas construções em causa, como temos vindo a afirmar, este conector adquira um valor aditivo, o valor comitativo está de certa maneira presente.

Para além de permitir justificar naturalmente as diferenças que se estabelecem entre a coordenação comitativa e a coordenação copulativa standard, a hipótese da reanálise que aqui sugerimos permite ainda explicar diversos dos aspectos que referimos nos pontos anteriores como associados à construção em causa. Assim:

- i. A variação dos juízos dos falantes no que diz respeito à gramaticalidade das frases em que existe coordenação comitativa pode ser encarada como resultando do facto de nem todos os falantes efectuarem a reanálise do conector comitativo.
- ii. O facto de a reanálise se verificar, em PE, apenas com um grupo muito restrito de verbos pode dever-se à circunstância de estes verbos, ao implicarem, no seu significado, uma ideia fusão de duas entidades numa terceira, induzirem uma interpretação conjuntiva do conector *com*, que propicia o estabelecimento de uma relação mais próxima entre as entidades denotadas pelos dois núcleos nominais presentes, unindo-os estruturalmente num único constituinte.
- iii. A preferência da maioria dos falantes que efectuam a reanálise pelo contexto em que ocorrem verbos como *combinar* - relativamente ao contexto em que ocorrem verbos como *fazer*, *formar*, etc. associados a um núcleo nominal, em que a coordenação comitativa é mais dificilmente aceite - resulta da existência, nas construções em que ocorrem os primeiros, do paralelismo referido atrás, que as aproxima estruturalmente da coordenação standard. Assim, nas construções em que ocorrem os segundos, a reanálise é favorecida apenas pelo facto de, como mencionámos atrás, resultar na aproximação estrutural de duas entidades tão estreitamente relacionadas em termos semânticos.

- iv. A agramaticalidade de sequências como a que repetimos em (57) encontra justificação no facto de a ocorrência de um Oblíquo obrigar à manutenção da interpretação preposicional do conector comitativo, inviabilizando a sua reanálise.

(57) *Eu contigo formamos um par genial.

Note-se que a hipótese de reanálise que aqui sugerimos não é, no entanto, extensível a frases como a que repetimos em (58), constituindo esta, no entanto, um dos contextos legitimadores da coordenação comitativa:

(58) Um com um são dois.

Com efeito, o verbo que ocorre nesta frase distingue-se sintáctica e semânticamente dos restantes pelo facto de não permitir a construção ilustrada em (59), em que os contituíntes relacionados pelo *com* ocorrem separadamente:

(59) *Um é dois com um.

Somos, assim, levados a considerar que em (58) o conector *com* apresenta um comportamento exclusivamente conjuncional, eventualmente resultante de uma analogia com as construções referidas anteriormente.

Concluindo, pelo que dissemos até ao momento, a hipótese de análise da chamada coordenação comitativa que aqui sugerimos permite-nos fazer algumas predições adequadas, afigurando-se coerente com os dados empíricos que descrevemos anteriormente. Assim, as diferenças que afastam a coordenação comitativa da coordenação copulativa parecem ser deriváveis do facto de a coordenação resultar de uma reanálise que parte de uma estrutura diferente, mantendo-se, após esse processo, algumas das características – sintácticas e semânticas – específicas dessa estrutura inicial. Ao mesmo tempo, as diferenças que separam o comportamento do *com* conjuncional do do *com* preposicional decorrem igualmente deste processo de reanálise.

Referências

- Camacho, José (1996) Comitative Coordination. In Parodi, Claudia et al. (eds.) *Aspects of Romance Linguistics: Selected Papers from the Linguistics Symposium on Romance Linguistics XXIV*. Washington, D. C.: Georgetown University Press, pp.107-122.
- Camacho, José (2000) Structural restrictions on comitative coordination. *Linguistic Inquiry*. Vol. 31, nº 2, pp. 366-375.
- Dyla, Stefan (1988) Quasi-comitative coordination in Polish. *Linguistics*, 26, pp.383-414.
- Fonseca, Joaquim (1993) *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*. Porto: Porto Editora.
- Grevisse, Maurice (1993) *Le Bon Usage - Grammaire Française* (13^a ed.). Paris: Édition Duculot.
- Kasai, Hironobu e Shoichi Takahashi (s.d.). Coordination in Japanese. (internet).
- Kayne, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

- Larson, Richard (1988) On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, vol.19, nº 3, pp.335-391.
- Matos, Gabriela (1995) Estruturas Binárias e Monocêntricas em Sintaxe: algumas Observações sobre a Coordenação de Projecções Máximas. In *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL e Colibri, pp.301-315.
- McNally, Louise (1993) Comitative coordination: a case study in group formation. In *Natural Language and Linguistic Theory*.11, pp.347-379.
- Rigau, Gemma (1989) Preposiciones que afectan la interpretación del predicado en las lenguas románicas. In *Actas do V Encontro da APL*. Lisboa: AE da FLUL., pp.305-320.
- Rigau, Gemma (1990) The semantic nature of some Romance prepositions. In Mascaró, J. & M. Nespór (eds.) *Grammar in Progress - Glow Essays for Henk van Riemsdijk*. Dordrecht: Foris Publications, pp.363-373.
- Ross, John Robert (1967) *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de Ph.D, MIT. Reproduzido em Blomington, Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- Skrabalova, Hana (2002) Comitative conjuncts vs. comitative adjuncts: evidence from Czech. (internet).
- Vassilieva, Masha & Richard K. Larson (2001) The semantics of the Plural Pronoun Construction. Apresentado em *Semantics and Linguistic Theory XI (SALT 11)*. Nova Iorque.